

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) ARTHUR AVELLAR LEAL

A APLICABILIDADE DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ
NA GUERRA DO GOLFO (1990-1991)

Rio de Janeiro

2009

CC (FN) ARTHUR AVELLAR LEAL

A APLICABILIDADE DOS CONCEITOS DE CLAUSEWITZ
NA GUERRA DO GOLFO (1990-1991)

Monografia apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF Sérgio Vieira Reale

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2009

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido, por meio de pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar a aplicabilidade dos conceitos de Clausewitz na Guerra do Golfo (1990-1991). Os conceitos que compõem essa monografia são: propósito político, fricção, fatores morais, trindade notável e ponto culminante da vitória. Os quatro primeiros conceitos foram abordados sob o ponto de vista de ambos os beligerantes e o último foi focado sob a ótica da coalizão. Fruto da análise foi verificado que: o propósito político dos dois lados não era o conflito armado em si, mas os interesses opostos levaram os litigantes à guerra; a fricção se mostrou presente em diversos episódios onde dificultou tanto um quanto o outro lado beligerante; os fatores morais ampliaram a capacidade das forças da coalizão e reduziram as capacidades das forças iraquianas; a trindade notável proporciona a coesão requerida para vencer o conflito armado e que não é possível lograr a vitória sem que essa trindade esteja unida; o ponto culminante da vitória não foi ultrapassado pelas forças da coalizão, estas se limitaram a parar quando conquistaram os objetivos estabelecidos inicialmente. Enfim, pode-se concluir que, nas forças da coalizão foi visualizado o emprego de ações que se coadunam com os conceitos de Clausewitz e que o mesmo não ocorreu com as forças iraquianas, levando as forças da coalizão à vitória e a iraquiana à derrota.

Palavras Chave: Clausewitz. Coalizão. Conceito. Guerra do Golfo. Iraque.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUERRA DO GOLFO (1990–1991).....	6
3	PROPÓSITO POLÍTICO.....	8
4	FRICÇÃO.....	10
5	FATORES MORAIS.....	12
6	TRINDADE NOTÁVEL.....	14
7	PONTO CULMINANTE DA VITÓRIA.....	18
8	CONCLUSÃO.....	20
	REFERÊNCIAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

Carl von Clausewitz (1780-1831) foi um militar prussiano que teve sua vida marcada por importantes conflitos armados contra o imperador francês Napoleão Bonaparte (1769-1821). Fruto de um altruísmo impar procurou colher das vitórias de seu algoz os exemplos para a fonte de suas reflexões filosóficas (PARET, 2001).

Tendo como ponto de partida de seu estudo a sua ânsia em compreender a guerra e o que ela poderia lhe ensinar, Clausewitz foi rigoroso, cuidadoso e aberto, definindo conceitos, retirando as conseqüências lógicas, verificando o respaldo que a realidade proporcionava a essas conseqüências lógicas, reescrevendo seus conceitos até que a realidade os validasse. Baseado nesse método de só aceitar como verdade aquilo que fosse comprovado na prática, Clausewitz se inseriu decisivamente na moldura intelectual dos grandes cientistas (PROENÇA JÚNIOR, 1998).

Em virtude de seus escritos possuírem uma visão filosófica e abstrata da guerra, alguns pontos por ele elencados ainda são controversos e geram diferentes interpretações, como nos relata Raymond Aron (1905-1983): “Quer se queira ou não, o ensino de Clausewitz é e sempre será ambíguo.” (ARON, 1986b, p.13).

Apesar de publicada em 1832 e possuir um conhecimento intrínseco muito grande, sua obra, *Da Guerra*, só começou a despertar algum interesse a partir de 1870 quando o Marechal prussiano Moltke (1800-1891), após a vitória contra a França na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), fez alusão ao *Da Guerra* como sua fonte de inspiração. Ainda assim, devido a sua complexidade, ela só avultou de importância no início do século XX (ARON, 1986b).

No início da década de 90, mais especificamente, em janeiro de 1991, várias imagens espetaculares, e ao vivo, de mísseis e projetis que cortavam os céus do Iraque e do Kuwait chamaram a atenção e despertaram a curiosidade de telespectadores dos telejornais de todo o mundo, que até então só haviam assistido a imagens e visto fotos de conflitos armados já ocorridos, mas nunca ao vivo.

Diante da relevância com que esse conflito armado nos foi apresentado, constata-se um grande desenvolvimento do modo como fazíamos os conflitos armados em 1830 e como fazemos nos dias de hoje. Então surge uma pergunta: seriam válidos, nos dias atuais, aqueles conceitos formulados por Clausewitz no fim do século XIX?

Em face dessa indagação, muitos questionamentos são, constantemente, feitos a respeito da validade desses conceitos históricos com que as forças armadas se baseiam.

Esta monografia, realizada por meio de pesquisa bibliográfica, tem o propósito de analisar o conflito armado ocorrido na região do Golfo Pérsico nos anos de 1990 e 1991, denominado Guerra do Golfo (1990-1991), segundo os seguintes conceitos de Clausewitz: propósito político, fricção da guerra, fatores morais, trindade notável¹, sob o ponto de vista de ambos os beligerantes, em especial dos Estados Unidos da América (EUA) e do Iraque; e o ponto culminante da vitória sob a ótica das forças da coalizão.

Para tanto, esse trabalho apresentará, primeiramente, uma breve contextualização histórica da Guerra do Golfo (1990-1991). Em seguida, estabelecerá uma relação com os conceitos de Clausewitz anteriormente mencionados e finalizará com uma breve conclusão.

¹ A denominação trindade notável, que será mais bem explicada no capítulo 6 dessa monografia, é também chamada de trindade paradoxal, trindade clausewitziana ou trindade fantástica. No idioma original é chamada *dreifaltigkeit*. Aqui utilizaremos a denominação adotada por Peter Paret em seu livro *Construtores da Estratégia Moderna*, trindade notável.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUERRA DO GOLFO (1990-1991)

As causas para o início da Guerra do Golfo (1990-1991) tiveram origem no desmoronamento do Império Otomano, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), na descoberta de petróleo na região e na competição externa entre os Estados mais poderosos do mundo para controlar essa região (SCHUBERT, 1998).

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a desintegração desse império, os Estados vitoriosos, França e Reino Unido, dividiram a região segundo seus interesses, não respeitando áreas tradicionalmente tribais e étnicas. Esse fato gerou inúmeras disputas na região. A fronteira do Iraque com o Kuwait foi uma dessas áreas (SCHUBERT, 1998).

No início da década de 30 o petróleo já havia sido descoberto no Iraque, quando foi descoberto também no vizinho Kuwait. Mas foi durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que houve grande demanda de petróleo e essa região se tornou ainda mais importante (KEEGAN, 2005).

Ainda durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ocorre um processo de transformação do antigo Império Otomano em vários Estados. Em seguida, na década de 50 e 60, esses entes recém criados começam uma crescente onda de nacionalismo. Os movimentos ocorreram em diversos países, entre eles no Iraque (1958), quando o golpe militar derrubou a monarquia do rei Hussein, revogando a aliança com o Reino Unido. E em 1961 o Kuwait também declara sua independência do Reino Unido (KEEGAN, 2005).

Sem a força outrora estabelecida pelo Reino Unido para amainar desavenças geradas nas fronteiras, por conflitos étnicos e religiosos, e agora pelos crescentes interesses no petróleo, o Oriente Médio se tornou uma região de permanentes conflitos.

Nesse contexto, em agosto de 1990, tropas iraquianas invadem o Kuwait dando início a Guerra do Golfo (1990-1991). O desfecho foi a derrota do Iraque para as forças da coalizão lideradas pelos Estados Unidos da América (EUA).

Os motivos alegados pelo Iraque para invadir o Kuwait foram, em grande parte, originados da Guerra Irã-Iraque² (1980-1988). O Kuwait e a Arábia Saudita haviam financiado o Iraque na guerra contra o Irã e, ao fim dela o Iraque acumulou uma dívida que começou a ser cobrada pelos credores. O Iraque, se vendo em uma situação difícil, decidiu aumentar o preço do barril do petróleo a fim de poder saldar suas dívidas. Entretanto, o

² Em 1979 uma revolução no Irã leva ao poder o aiatolá Khomeini. Nesse mesmo ano assume no Iraque Saddam Hussein que reacende uma antiga disputa de fronteiras com o Irã sobre a posse do canal de Shatt-al-Arab e, também com a intenção de enfraquecer o regime fundamentalista xiita do aiatolá é iniciada a Guerra Irã-Iraque (SCHUBERT, 1998).

Kuwait não concordou com tal atitude gerando descontentamento no Iraque (SCHUBERT, 1998).

Aliado a esse fato, o Iraque acreditava que a guerra com o Irã representou o enfraquecimento da revolução islâmica xiita³ e que seria injusto ele ser cobrado por um benefício recebido por todos os países árabes, inclusive o Kuwait. Finalizou acusando o Kuwait de ter explorado petróleo em campos iraquianos durante a Guerra Irã-Iraque (1980-1988) (SCHUBERT, 1998).

Efetivada a conquista do Kuwait, o Iraque alcançaria de uma só vez a liquidação de uma dívida, o controle de um vasto campo petrolífero e ainda a posse das ilhas Warbah e Bubiyan; que proporcionavam a ampliação de seu litoral e o controle de uma saída para o mar através do Golfo Pérsico (LIMA, 1992).

Com essa recente conquista em mãos, o Iraque teria grande parte do controle das principais reservas de petróleo mundial, fato esse que não coadunava com os interesses ocidentais (VIDIGAL, 1992).

No intuito de resguardar seus interesses, os EUA realizaram intensa atividade diplomática no sentido de mobilizar a opinião pública internacional. Inicialmente, junto a Organização das Nações Unidas (ONU), quando o Conselho de Segurança aprovou uma série de Resoluções que iam desde uma simples desaprovação de tal atitude, passando por congelamento de depósitos iraquianos na Europa e embargos econômicos, até a efetiva autorização de emprego da força armada. Em seguida conseguiu que a Liga Árabe⁴ e o Conselho de Cooperação do Golfo⁵ também condenassem a invasão (VIDIGAL, 1992).

Concomitante as tratativas, e devidamente autorizado pela ONU, as forças da coalizão se deslocaram para o sudoeste asiático a fim de iniciar a Operação Escudo de Deserto que, antes de ser completada, tornou-se a Operação Tempestade do Deserto (SCHUBERT, 1998).

³ Do árabe *shia* (partido). São muçulmanos partidários de Ali, primo e genro do profeta Maomé. Os xiitas só aceitam as tradições do profeta transmitidas através de membros de sua família. Os sunitas, que também seguem a *suna* (regra tradicional, lei), crêem que os ensinamentos do profeta foram transmitidos através dos califas (soberanos sucessores de Maomé), nesse sentido se opõem aos xiitas (REIS FILHO, 2000). A Maioria da população iraquiana é xiita, porém, a minoria sunita detém o controle do governo e das forças armadas (VIDIGAL, 1992).

⁴ Organização de estados árabes que tem o objetivo de reforçar e coordenar os laços econômicos, sociais, políticos e culturais entre os seus membros (SCHUBERT, 1998).

⁵ Organização de integração econômica que reúne os estados do Golfo Pérsico, com exceção do Irã e Iraque (SCHUBERT, 1998).

3 PROPÓSITO POLÍTICO

Para que possamos verificar o propósito político da Guerra do Golfo (1990-1991), à luz dos conceitos de Clausewitz, faz-se necessário sabermos que “Guerra é um ato de força destinado a compelir o nosso inimigo a fazer a nossa vontade.” (CLAUSEWITZ, 1984, p.75). Assim, a força física constitui o meio de que dispõe a guerra. Impor a nossa vontade ao inimigo constitui o seu propósito (BRASIL, 1994).

Inicialmente, na Guerra do Golfo, o Iraque invadiu o Kuwait com a intenção de reaver o território, rico em petróleo, que ele considerava como de sua propriedade; mas também ressentido pelo fato de ter lutado uma guerra com o Irã, contraído uma dívida com o próprio Kuwait que julgava ser em prol de todo mundo árabe (SCHUBERT, 1998).

A Arábia Saudita além de possuir uma região rica em petróleo, era também credora da dívida iraquiana, tal qual o Kuwait. Além disso, informes indicavam que o vulto das forças iraquianas que ocupavam o Kuwait era em número suficiente para uma invasão à Arábia Saudita e que essas forças desdobravam-se junto a fronteira do Iraque e do Kuwait com a Arábia Saudita (BRASIL, 1999).

Em vista desses indícios, pode-se inferir que o próximo passo iraquiano seria atacar a Arábia Saudita. Logo, seu propósito político era dominar a região do Golfo Pérsico, rica em petróleo.

Pelo lado dos EUA, o ataque às tropas iraquianas que ocupavam o Kuwait foi realizado para que não houvesse o controle dessa região do Golfo Pérsico pelo Iraque.

É imperioso acrescentar que, baseado nesse conceito, os EUA buscaram apoio junto à ONU, Liga Árabe e ao Conselho de Cooperação do Golfo para que o Iraque libertasse o Kuwait e assim evitar o conflito armado (VIDIGAL, 1992).

Nesse sentido, a ONU aprovou uma série de Resoluções que iam desde uma simples desaprovação de tal atitude, passando por congelamento de depósitos iraquianos na Europa e embargos econômicos até a efetiva autorização de emprego da força armada. A Liga Árabe e o Conselho de Cooperação do Golfo emitiram pareceres contrários à ocupação iraquiana (VIDIGAL, 1992). Essa passagem evidencia que, caso o Iraque concordasse, a guerra não seria necessária.

Prosseguindo no seu raciocínio, Clausewitz diz que “A guerra é meramente a continuação da política por outros meios.” (CLAUSEWITZ, 1984, p.91). Peter Paret chega a conclusão que o propósito político pelo qual a guerra é travada deveria determinar os meios que seriam empregados, a espécie e o grau do esforço requerido (PARET, 2001).

Com o propósito político bem definido, o próximo passo do Iraque deveria ser a anexação do Kuwait ao território iraquiano. Posteriormente, defender essa região conquistada e em seguida fazer o mesmo com a Arábia Saudita. Ocorre aí o choque de vontades entre os EUA, baseados na Doutrina Carter⁶, reafirmada pelo Presidente George H. Bush (1989-1993) em 1989 e o Iraque. Assim foi dado início ao conflito armado (SCHUBERT, 1998).

A cada passo que cada um dos litigantes dava, visando a consecução do seu objetivo, seguia-se uma negociação, pois a intenção dos oponentes não era a guerra em si, mas a consecução do propósito político de seu Estado, ou seja, a vontade de cada sociedade, justamente como escreveu Clausewitz.

Para materializar esse pensamento podem-se constatar as tentativas, de ambos os lados, de mobilizar a opinião pública internacional a seu favor, como por exemplo, antes da invasão iraquiana, Saddam fez diversas acusações contra o Kuwait desde roubo até descumprimento de acordos estabelecidos junto a Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) (SCHUBERT, 1998).

Os EUA também fizeram o mesmo, inicialmente junto ao mundo ocidental, através de aprovações de Resoluções pelos membros da ONU (logrou apoio da maioria). Em seguida, junto ao mundo árabe, através dos membros da Liga Árabe e do Conselho de Cooperação do Golfo (a invasão ao Kuwait foi condenada por todos os membros), para fomentar também uma aliança com países do Golfo Pérsico (VIDIGAL, 1992).

Mais a frente Clausewitz diz: “Ninguém dá início a uma guerra sem ter primeiro claro em mente o que pretende obter através dela e como pretende conduzi-la. O primeiro é o seu propósito político.” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 686).

Com base nessas afirmações e tendo em vista os esforços despendidos por ambos os contendores para evitar o conflito armado, pode-se constatar que nenhum dos lados possuía como um de seus propósitos políticos o conflito armado em si, mas, em virtude de interesses opostos o inevitável ocorreu.

⁶ A Doutrina Carter foi uma declaração feita pelo Presidente do EUA Jimmy Carter (1977-1981), em 23 de janeiro de 1980, frente ao Congresso, que dizia: “[...] qualquer tentativa por parte de qualquer força externa para controlar a região do Golfo Pérsico seria vista como um confronto de interesses vitais dos EUA e que seria repelida com os meios necessários, incluindo a força das armas.” (SCHUBERT, 1998, p.52).

4 FRICÇÃO

Esse é um dos fenômenos identificados por Clausewitz, que faz com que a guerra não alcance os extremos de violência inicialmente imaginados por ele. No que se refere a esse fenômeno chamado fricção, Clausewitz não apresenta uma definição, mas sim ele ilustra com exemplos e analogias.

Para Clausewitz:

Tudo é muito simples na guerra, mas a coisa mais simples é difícil. As dificuldades acumulam-se e terminam produzindo um tipo de fricção que é inconcebível, a menos que a pessoa tenha passado por uma experiência de guerra (CLAUSEWITZ, 1984, p.131).

E complementa, dizendo que “A fricção é o fenômeno que faz com que as coisas simples se tornem tão difíceis. A chuva pode evitar que o batalhão se apresente, pode atrasar a chegada de outro.” (CLAUSEWITZ, 1984, p.132).

Para exemplificarmos, recorro a Schubert citando uma passagem ocorrida no terceiro dia da ofensiva terrestre:

O primeiro obstáculo foram as condições meteorológicas. Um *Shamal*⁷ fora de época, na área do objetivo, levantou densas nuvens de redemoinho de areia, que prometiam por o equipamento de imagem térmica em rigoroso teste (SCHUBERT, 1998, p.272).

A decisão do comandante das forças da coalizão foi manter as posições e só prosseguir na manhã seguinte, atrasando o deslocamento.

Outro exemplo de fricção foi o ocorrido entre o porto e as zonas de reunião⁸. Em virtude da premência do abastecimento logístico, um comboio de quilômetros e quilômetros de jamantas levando carros-de-combate, caminhões-tanque com gasolina, transporte de tropas e munição que deveria ser deslocado com rapidez levou quatorze horas (SCHUBERT, 1998).

Mais tarde descobriu-se que os motoristas acharam que o terreno ao longo das estradas era mais firme do que as areias costeiras e, pensando assim, prepararam as viaturas para aquele terreno mais firme (SCHUBERT, 1998).

Durante toda a guerra, a quantidade de soldados que perderam suas vidas foi em número muito maior no lado iraquiano do que no lado das forças da coalizão. Entretanto, um fato digno de nota foi: “Mais soldados da coalizão perderam suas vidas por efeito da ação das forças amigas do que por ação iraquiana.” (ESHEL, 1991, citado por VIDIGAL, 1992, p.41).

⁷ Vento seco que vem do norte e noroeste. É contínuo e com alta velocidade, porém menor que 80 quilômetros por hora. Ocorre de meados de junho a meados de setembro. Levanta tempestade de areia que impede as operações terrestres e reduz a visão (SCHUBERT, 1998).

⁸ Região delimitada do terreno em que uma força militar é reunida antes de cumprir a missão (BRASIL, 2007).

Isso mostra que, em determinados momentos do combate não foi possível identificar (seja em virtude das tempestades de areia e nevoeiros, seja em virtude da pouca luminosidade da noite) quem era amigo e quem era inimigo, levando a um fratricídio.

Pelo lado das forças iraquianas, o fenômeno da fricção foi percebido no dia em que a ofensiva terrestre começou efetivamente (dia 24 de fevereiro de 1991). No dia 23 de fevereiro, ao incendiar diversos poços de petróleo do Kuwait, Saddam Hussein tinha a intenção de formar uma cortina de fumaça e negar às forças da coalizão à observação aérea das posições defensivas no Kuwait. Entretanto, devido às condições meteorológicas adversas, esse ato que no papel era perfeito, acabou prejudicando a atuação das próprias forças iraquianas nas operações terrestres (SCHUBERT, 1998).

Isso gerou um efeito moral negativo nos combatentes iraquianos, pois as dificuldades, que já eram grandes, aumentaram, contribuindo para as rendições iraquianas. Clausewitz dizia: “A atividade na guerra é como um movimento realizado através de um elemento resistente.” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 132).

Esse fenômeno da fricção exerce um efeito psicológico inibidor nos indivíduos, desgastando o moral, prejudicando o desempenho, consumindo as forças e reduzindo a vontade de lutar. Nas palavras de Paret:

A fricção dominaria a guerra se não fosse confrontada pelo emprego criativo da energia emocional e intelectual. Até certo grau, pelo menos, a inteligência e determinação podem sobrepujar a fricção, e depois explorar a chance, transformando o imprevisto numa vantagem (PARET, 2001, p.279).

Foi dessa forma que, impulsionado pelo ataque, a 1ª Divisão de Infantaria do VII Corpo Aeroterrestre se deparou com trincheiras iraquianas repletas de soldados inimigos. Retardado por um pequeno tempo, o comandante deu ordem para que os motoristas manobrassem os equipamentos de engenharia (carros-de-combate com lâmina de terraplanagem e escavadeiras) e enchessem as trincheiras com areia. Logrou neutralizar 16 quilômetros de trincheira sem nenhuma perda (SCHUBERT, 1998).

Ademais do fenômeno da fricção ter ocorrência em todos os combatentes (do soldado ao comandante) ele também afeta os dois lados em conflito. Se por um lado, nota-se, que as forças da coalizão souberam lidar com a fricção, acarretando um aumento do moral dos combatentes; por outro, as forças iraquianas não souberam sobrepujar dificuldades semelhantes, gerando um efeito negativo sobre suas forças. Esse efeito influenciou a tal ponto que, ao menor sinal de resistência (fricção), os soldados iraquianos se rendiam.

Fruto da análise do fenômeno da fricção, conclui-se que ele e suas implicações contribuíram para o resultado final da Guerra do Golfo (1990-1991).

5 FATORES MORAIS

Clausewitz teve como ponto de partida de sua teoria que a guerra era violência absoluta, sem limite. Ele, ao confrontá-la com a realidade dos fatos, percebeu que a guerra nunca atingia esses extremos de violência e na busca por respostas identificou alguns fatores que limitavam essa escalada para a guerra absoluta. Um deles era o conceito de fatores morais (CLAUSEWITZ, 1984).

Nesse ponto, recorro ao escritor inglês Sir Basil Liddell Hart (1895-1970), que mesmo sendo um dos maiores críticos de Clausewitz, concorda com ele em apenas dois pontos. Um deles justamente o que diz respeito a importância dos fatores morais no fenômeno da guerra (LIDDELL HART, *apud* ARON, 1986a).

Dizia Clausewitz: “a guerra é uma prova das forças morais e físicas por meio da última.” (CLAUSEWITZ, 1984, p.137). Tendo em vista a importância que atribuía ao assunto, mais a frente ele voltaria a tecer maiores comentários: “[...] os fatores físicos parecem ser um pouco mais do que o cabo de madeira de uma espada, enquanto que os morais são o metal precioso, a verdadeira arma, a lâmina aguçadamente afiada.” (CLAUSEWITZ, 1984, p.209).

Dessa forma os fatores morais (entusiasmo ou sensação de derrota, medo, coragem, angústia, confiança, timidez e audácia) são tão importantes em um combate que podem potencializar ou minimizar os fatores materiais (armamentos e combatentes) (PROENÇA JÚNIOR, 1999).

Momentos antes do conflito com as forças da coalizão, Lima observa que tanto o exército quanto a força aérea iraquianos eram tidos com respeito e admiração, além de ser um arsenal respeitável contra qualquer coalizão que se possa formar. Assim, uma das causas elencadas para o insucesso das forças iraquianas foi a falta da vontade de lutar que tinha como provável causa o moral abalado e a ausência de lideranças (LIMA, 1992).

Vidigal acrescenta que o moral da tropa foi reduzido “[...] de forma inequívoca pela combinação de má preparação, execução deficientes e uso de contramedidas inadequadas para os tipos de ameaças [...]” (VIDIGAL, 1992, p.43).

Lima apresenta os seguintes números: de um total de 815 aeronaves iraquianas 116 fugiram para o Irã, além de uma estimativa de 70.000 soldados iraquianos que se renderam ao longo dos combates (LIMA, 1992).

Para que se visualize a influência dos fatores morais, pode-se acrescentar as palavras do jornalista William Waack:

Ainda que as forças armadas coligadas não fossem compostas de modernos exércitos eles por si só não levariam tanta vantagem quanto levaram se não estivessem integrados por profissionais bem pagos e treinados, com notável (em comparação com guerras anteriores) margem de manobra para decisões locais, motivados por um censo de missão e camaradagem inculcadas em longos anos de treinamento e preparação (WAACK, 2006, p.461).

Esses fatores fizeram aumentar o entusiasmo, confiança e audácia do exército coligado.

Como contraponto às forças da coalizão, os soldados iraquianos eram compostos de elementos mal preparados, mal alimentados, cansados de oito anos anteriores de guerra com o Irã e que tinham como única preocupação escapar vivos de um conflito armado sem sentido (WAACK, 2006).

Diante do quadro acima descrito, percebe-se que, a despeito da superioridade tecnológica do aparato bélico da coalizão frente ao material das forças iraquianas, a sensação de derrota, medo e falta de confiança dos militares iraquianos era visível na Guerra do Golfo (1990-1991), atestando, de forma inequívoca, a relevância que os fatores morais tiveram nesse conflito armado.

Portanto, a conclusão que se chega é que, os fatores morais amplificaram a capacidade das forças da coalizão e sua falta reduziu as capacidades das forças iraquianas.

6 TRINDADE NOTÁVEL

O conceito de trindade notável é considerado por Paret (2001) como a segunda relação dialética mais importante contida no livro *Da Guerra* (PARET, 2001). Clausewitz assim a descreveu:

A guerra é mais do que um verdadeiro camaleão, que adapta um pouco as suas características a uma determinada situação. Como um fenômeno total, as suas tendências predominantes sempre tornam a guerra uma surpreendente trindade - composta da violência, do ódio e da inimizade primordiais, que devem ser vistos como uma força natural cega, do jogo do acaso e da probabilidade, no qual o espírito criativo está livre para vagar; e dos seus elementos de subordinação, como um instrumento da política, que a torna sujeita apenas à razão (CLAUSEWITZ, 1984, p. 93).

Para Clausewitz a guerra está tão intimamente ligada às sociedades que essas tendências dominantes se materializam em três seguimentos da sociedade, da seguinte forma: “O primeiro destes três aspectos diz respeito principalmente às pessoas; o segundo ao comandante e ao seu exército; o terceiro ao governo.” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 93).

E prosseguiu dizendo que: “Uma teoria que ignore qualquer um deles, ou que procure estabelecer uma relação arbitrária entre eles, estaria a tal ponto em conflito com a realidade que somente por esta razão seria totalmente inútil.” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 93).

É dessa forma que vamos ver a Guerra do Golfo nesse capítulo, isto é, sob a ótica da trindade notável de Clausewitz.

Com relação a primeira tendência dominante (violência, ódio e inimizade), relacionada na sociedade às pessoas que compõem essa sociedade, ou seja o povo, ainda as voltas com o fantasma da Guerra do Vietnã (1959-1975), nutria uma repulsa a qualquer conflito armado. Esse sentimento foi verificado em uma pesquisa de opinião onde quarenta por cento do povo americano se opunha ao envio das tropas para a Guerra do Golfo (1990-1991) (SCHUBERT, 1998). O governo (relacionado a terceira tendência, razão), tomando conhecimento dessa informação, intensificou os debates no Congresso para que a reserva fosse convocada com parcimônia. Nas palavras de Schubert:

O Governo e o Exército desejavam evitar a idéia de que as vidas dos reservistas, de suas famílias e de suas comunidades estavam sendo desperdiçadas por uma razão fútil. O resultado dessa consideração pode ser sentido no declínio do número de conscritos necessários, [...], devido ao aumento do voluntariado (SCHUBERT, 1998, p.140).

O povo, assim, vendo a preocupação por arte de todos os envolvidos, passou também a mostrar seu apoio de outras formas: universidades e faculdades restituindo a taxa escolar e atribuindo o grau mínimo para ser aprovado aos alunos que estavam na guerra,

empresas civis deram suplementação salarial a seus empregados que estavam em combate no Golfo Pérsico, pizzarias enviavam pizzas e refrigerantes aos militares, Câmaras de Comércio levantavam fundos para mandarem presentes aos militares do Golfo Pérsico e até a Liga Nacional de Futebol enviou bolas, camisas, toalhas e todo o tipo de artigo para as tropas (SCHUBERT, 1998).

Essa efusão de apreço demonstrada pelo povo gerou uma maior motivação nos militares, demonstrada na paixão que o povo nutria pelas causas que os soldados lutavam.

A violência, o ódio e a inimizade primordiais, materializados no povo, estavam voltados, como uma força cega, em direção aos seus interesses estabelecidos pela razão (governo).

A segunda tendência dominante (probabilidade e acaso), relacionada na sociedade às forças armadas dos EUA, havia acabado de passar por uma redução de verbas, em face do fim da Guerra Fria (1989). Também o insucesso na Guerra do Vietnã (1959-1975) gerou uma reestruturação nas forças armadas que as deixou com alto padrão de recrutamento, treinamento e disciplina. Os militares se tornaram cem por cento voluntários. Foi desenvolvida uma nova doutrina para as forças de pronto-emprego, com aquisição de novos equipamentos, focada em aperfeiçoar a iniciativa nos líderes de pequenas frações, “motivados por um senso de missão e camaradagem inculcadas em longos anos de treinamento e preparação” (WAACK, 2006, p.461). Isso aumentou o profissionalismo dos oficiais e graduados (SCHUBERT, 1998).

Nesse sentido, as forças armadas dos EUA estavam no estado da arte, com equipamentos tecnologicamente atualizados, militares bem treinados, liderados e acima de tudo confiantes. Em suma, como dizia Clausewitz, o comandante e seu exército estavam com grandes chances de vencer no jogo das probabilidades e acasos.

Com relação a terceira tendência dominante (razão), relacionada na sociedade ao governo, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) fez aumentar o interesse do mundo no petróleo. O petróleo foi ganhando importância na economia dos EUA, levando companhias petrolíferas norte americanas a se interessarem pela exploração desse recurso no Golfo Pérsico. O envolvimento do governo dos EUA se evidenciou em 1973 com o dramático aumento do preço do produto. Os EUA, com Democratas e Republicanos unidos, precisavam assegurar suprimentos regulares de petróleo que garantissem a prosperidade norte americana. Nesse contexto, o presidente dos EUA Jimmy Carter (1977-1981) é o primeiro a falar em recorrer às forças armadas (segunda tendência dominante) para defender os interesses dos EUA. A partir daí, todos os presidentes passaram a reafirmar a Doutrina Carter (SCHUBERT, 1998).

Com base nesse raciocínio, o governo dos EUA buscou também, em outros Estados, as mesmas necessidades que o povo norte americano possuía e que ao final era a razão, dita por Clausewitz, para o seu governo, ou seja, o suprimento regular do petróleo.

Com esses três ingredientes interligados, estava montada a trindade notável que Clausewitz julgava indispensável para que qualquer guerra obtenha o sucesso desejado.

Não obstante ter sua trindade notável estruturada, os EUA, para aumentar sua probabilidade de vitória, procuraram desgastar o pilar referente ao governo da trindade notável do seu oponente, mostrando o desrespeito que Saddam Hussein tinha por locais históricos, mesquitas e sítios arqueológicos do Kuwait e do próprio Iraque além de incinerar poços de petróleo causando desastres ambientais (BRASIL, 1999).

Pelo lado iraquiano, os governos do Iraque sempre tiveram dificuldades em escoar a produção de petróleo, devido ao seu pequeno litoral, mas já haviam se contentado com isso. Ao assumir o governo do Iraque, Saddam Hussein retomou a antiga reivindicação, desta vez por meio da força, com a propaganda oficial que o Kuwait estava “**voltando para o lar**” (WAACK, 2006, p.461, grifo do autor).

Com essa política, o Iraque alcançaria de uma só vez a liquidação de uma dívida com o Kuwait, o controle de um vasto campo petrolífero e ainda a garantiria a posse das ilhas Warbah e Bubiya; que proporcionavam a ampliação de seu litoral e o controle de uma saída para o mar através do Golfo Pérsico (LIMA, 1992). Entretanto, mais tarde Saddam Hussein veria que essa política não lograria êxito.

Essas eram as razões, utilizadas pelo governo, para fazer valer os seus interesses e começasse a erguer sua trindade notável.

As forças armadas iraquianas, tal qual a sociedade, tinham suas divisões internas segundo as etnias. Os postos mais elevados eram ocupados por sunitas e os inferiores por xiitas, apesar da maioria da população iraquiana ser formada por xiitas (VIDIGAL, 1992).

A Guarda Republicana, tropa de elite do exército iraquiano, era a mais bem adestrada e equipada, sua composição era de basicamente sunitas, enquanto a tropa convencional era mal adestrada, composta de maioria xiita (VIDIGAL, 1992).

Entretanto, ainda assim, o Iraque possuía uma boa máquina militar, como nos relata Lima: “[...] o arsenal bélico iraquiano era respeitável contra qualquer coalizão que se possa formar.” (LIMA, 1992, p.89).

Mas o principal problema das forças iraquianas não estava na quantidade e sim na qualidade de seus militares, que estavam mal adestrados e sem vontade de lutar em virtude da inexistência de lideranças (LIMA, 1992).

O jornalista William Waack avalia o estado em que se encontrava o exército do Iraque: “Os exércitos iraquianos compunham-se de elementos mal preparados, mal alimentados, mal armados - no caso das unidades convencionais - e cansados ainda de oito anos anteriores de guerra com o Irã.” (WAACK, 2006, p.461).

Nesse ponto, em relação às forças armadas iraquianas, a despeito de possuir um respeitável poderio bélico, em termos de pessoal, seus elementos não possuíam o mesmo nível do material. Assim, no jogo do acaso e da probabilidade, o espírito criativo torna-se limitado na sua capacidade de agir, reduzindo sua chance de lograr sucesso.

Do povo iraquiano fazia parte as etnias sunitas, xiitas e curdas com fortes divergências entre elas. A maioria xiita é dominada pelos sunitas e a minoria curda é reprimida pelos sunitas, inclusive com o uso de armas químicas (VIDIGAL, 1992).

Ainda com relação ao povo, Saddam Hussein precisava de uma união interna entorno do seu ideal. Entretanto, agindo na contramão, fez violentas repreensões ao povo, torturou e executou os que se opunham ao seu regime, além de empregar a força contra a minoria curda (VIDIGAL, 1992).

Essas ações só serviram para fazer com que os sentimentos de ódio e violência, relacionados ao povo, fossem dirigidos ao ditador iraquiano Saddam Hussein, fazendo ruir mais esse pilar da trindade notável de Clausewitz.

A publicação de Política e Estratégia da Escola de Guerra Naval (LA-III-9401) afirma que:

Em regimes ditatoriais quando se iniciam os conflitos armados sem o prévio consentimento do povo, ainda que numa fase inicial consiga motivá-lo[...], explorando os êxitos iniciais fruto da surpresa das ações. Normalmente, ao enfrentar situações opostas, desmoronam. (BRASIL, 1994, p.15).

Dessa forma, pelo lado iraquiano, não houve como o governo sustentar uma guerra sem os outros dois pilares (relacionados às forças armadas e ao povo) da trindade notável de Clausewitz. Foi assim que, em menos de cem horas de combate terrestre, as tropas iraquianas foram vencidas e expulsas do Kuwait.

Finalizando, verifica-se, tanto por parte da coalizão como por parte do Iraque, os mesmos três pilares que sustentavam os conflitos armados no século XIX, ou seja, os relacionados ao campo de ação do povo, das forças armadas e do governo. Vimos também que quando qualquer um deles se retira a trindade notável se desfaz e o conjunto inteiro perde a coesão, por conseguinte, a guerra.

7 PONTO CULMINANTE DA VITÓRIA

[...] devemos estar conscientes do abrandamento dos esforços que [...] ocorre por parte do vitorioso após ter sido superado o perigo e de quando, ao contrário, novos esforços são realizados em prosseguimento à vitória. Se fizermos um exame geral [...], concluiremos sem dúvida que a utilização da vitória e um avanço contínuo numa campanha ofensiva normalmente farão desaparecer a superioridade com que começamos, ou que foi obtida através da vitória (CLAUSEWITZ, 1984, p.677).

Clausewitz acrescenta: “É importante que não nos esqueçamos que a superioridade de forças não é o fim, mas apenas o meio para atingir o seu propósito” (CLAUSEWITZ, 1984, p.677).

Ou seja, como a publicação da Escola de Guerra Naval (EGN-304B) nos define: “É a melhor situação política que se poderá obter com uma vitória militar ou com o equilíbrio de forças favorável resultante do conflito.” (BRASIL, 2006, p.3-29).

Mais adiante Clausewitz aduz: “Este ponto culminante existente na vitória fatalmente ocorrerá novamente em todas as guerras futuras nas quais a destruição do inimigo não puder ser o propósito militar [...]” (CLAUSEWITZ, 1984, p. 678).

O ponto culminante da vitória é aquele ponto, de difícil identificação, que se ultrapassado não incorreria apenas em um esforço inútil, mas na realidade um esforço prejudicial, podendo gerar efeitos inversos aos que almejavamos (CLAUSEWITZ, 1984).

Dessa forma, tão logo o Iraque anexou o Kuwait, os EUA solicitaram a intervenção da ONU. Em seguida, baseado no seu propósito político contido na Doutrina Carter, estabeleceram os seguintes objetivos a nível nacional:

[...] imediata, completa e incondicional retirada das forças iraquianas do Kuwait; restauração do legítimo governo do Kuwait; segurança e estabilidade no Kuwait e na região do Golfo Pérsico; e segurança e proteção aos cidadãos norte-americanos, lá residentes ou não (BRASIL, 1999, p.1-1).

Após a vitória da coalizão, os militares estavam de moral elevado e prontos para cumprir qualquer outra missão que lhes fossem confiada. Dessa forma, prosseguir com a ofensiva e aproveitar a impulsão do ataque, além daquilo que havia sido planejado inicialmente, era uma atitude perfeitamente razoável.

Entretanto, apesar de ter sido cogitado pelos militares expandir o objetivo e atacar em direção ao interior do Iraque, na intenção de retirar do poder o ditador Saddam Hussein, isso não foi realizado. O presidente Bush, juntamente com os aliados árabes, descartou essa possibilidade (WAACK, 2006).

Para a coalizão tanto a permanência quanto a saída de Saddam Hussein eram ruins. A permanência do ditador era mal vista, porque com ele no poder seus ideais expansionistas também continuavam presentes. A saída do ditador era igualmente ruim porque com a vacância do poder, um líder xiita poderia substituí-lo, aumentando o sentimento antiamericano na região (VIDIGAL, 1992).

Essa última opção possuía uma alta probabilidade de ocorrer, visto que, no momento que as forças da coalizão já haviam conquistado todos os objetivos que as levaram ao ataque, o poder central do Iraque se enfraqueceu. E esse enfraquecimento foi tal que, rebeliões começaram a ocorrer por todo o país. Ao norte com os curdos e ao sul com xiitas (VIDIGAL, 1992).

Diante desse impasse, a coalizão julgou que a solução menos danosa para a região era ter um inimigo como o ditador Saddam Hussein na presidência do Iraque a viver ombreado com mais um governo xiita (BRASIL, 2006).

Nesse sentido, não é possível afirmar que, no momento de decidir qual ação tomar, as forças da coalizão fizeram uma análise seguindo o conceito de ponto culminante da vitória contido no livro de Clausewitz, *Da Guerra*. Porém, estudando esse conceito de Clausewitz e a Guerra do Golfo (1990-1991) pode-se constatar que a passagem da Guerra do Golfo transcrita nesse capítulo demonstra a aplicabilidade do conceito de ponto culminante da vitória nos dias atuais.

8 CONCLUSÃO

Clausewitz escreveu suas reflexões filosóficas em um mundo que os conflitos armados pouco se aparentavam com os que vemos nos dias atuais. Entretanto, fruto de sua firmeza de propósito e de um raciocínio lógico dedutivo, chegou a conceitos que parecem ter sido elaborados para os nossos dias.

A Guerra do Golfo foi um conflito armado ocorrido entre as forças da coalizão, lideradas pelos EUA contra o Iraque. Transcorreu em um ambiente que os EUA haviam sofrido uma derrota na Guerra do Vietnã e uma vitória na Guerra Fria e não sabiam o que esperar desse novo conflito. Ao mesmo tempo, o Iraque, com seus problemas internos de etnia não resolvidos, vinha de um recente conflito armado com o Irã. Assim, nesse ambiente, as forças da coalizão lograram a vitória.

No que concerne a análise do propósito político, notou-se, pelo grande volume de tentativas de negociação ocorrida por ambas as partes, que o propósito político não era a guerra em si, mas a destinação a ser dada a região do Golfo Pérsico que é rica em petróleo (pelo lado iraquiano o domínio da região e pelo lado da coalizão a liberdade dela). Assim, da mesma forma como previa Clausewitz, a guerra foi exatamente um ato de força que cada um dos lados utilizou para fazer valer a sua vontade.

A despeito do desenvolvimento científico e tecnológico atuais, um segundo conceito identificado por Clausewitz em conflitos armados do século XIX e que se aplica perfeitamente à Guerra do Golfo é o fenômeno da fricção. Esse fenômeno pode ser visualizado na Guerra do Golfo atrasando ataques, aumentando os tempos de deslocamento de comboios, dificultando as comunicações e alterando o desenvolvimento dos acontecimentos, ou seja, transformando coisas que normalmente são simples em difíceis.

A constatação da influencia dos fatores morais nesse conflito armado foi nítida nos dois lados em litígio. Ora potencializando os fatores materiais, como o que ocorreu com as forças da coalizão quando elas elevaram o moral dos combatentes, o entusiasmo, a confiança e audácia; ora reduzindo o valor dos fatores materiais, como o que ocorreu com as forças iraquianas, passando a ter medo exagerado e uma grande sensação de derrota.

O quarto conceito elencado é o da trindade notável de Clausewitz. Pelo lado da coalizão ela foi fortemente alicerçada na razão, estabelecida pelo governo dos EUA, que era a necessidade de suprimento regular de petróleo para o progresso da sociedade norte americana; na probabilidade e acaso das forças armadas, com equipamentos tecnologicamente atualizados, militares bem treinados, liderados e acima de tudo confiantes; e na violência, no

ódio e na inimizade primordiais, materializados no povo, voltados na direção aos seus interesses estabelecidos pela razão (governo). Pelo lado Iraquiano, o ditador Saddam Hussein não logrou êxito quando utilizou a razão, já as forças armadas estavam mal alimentadas, mal armadas (caso das unidades convencionais) e cansadas de guerras, ou seja, sem chances no jogo da probabilidade e acaso; e o povo voltou a sua violência, ódio e inimizade para o ditador; dessa forma não foi formada a trindade notável para suportar o conflito armado e o Iraque foi vencido. Assim, é notório constatar que a trindade notável é um conceito extremamente atual e que, sendo observado, proporciona sustentação aos pilares que dão suporte à guerra.

O ponto culminante da vitória foi o quinto conceito analisado. As forças da coalizão, após terem atingido os seus objetivos iniciais, tinham condições de conseguir novas vitórias, até mesmo a derrubada do ditador iraquiano. Entretanto, depois de um exame da situação, constatou-se que, com os objetivos já conquistados, aquela era a melhor situação política que se poderia obter, ou seja, Saddam Hussein no poder contendo as rebeliões e o fundamentalismo islâmico. Logo, o ponto culminante da vitória foi identificado, respeitado e mostrou-se um conceito bem atual.

Enfim, ainda que transcorridos quase dois séculos desde que Clausewitz escreveu suas reflexões filosóficas, e a despeito do ambiente de desenvolvimento tecnológico no qual ocorreu a Guerra do Golfo, pode-se concluir que as ações adotadas pelas forças da coalizão (forças vencedoras) se coadunaram com os conceitos de Clausewitz, mostrando-se adequados aos dias atuais.

REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. **Pensar a Guerra, Clausewitz: A era européia.** v.1. Brasília, DF: UnB, 1986a. 415p.
- _____. **Pensar a Guerra, Clausewitz: A era planetária.** v.2. Brasília, DF: UnB, 1986b. 322p.
- BRASIL. Escola de Guerra Naval. **EGN-304B: Guia de Estudos de Estratégia.** Rio de Janeiro, 2006. 207p.
- _____. **LA-III-9401: Clausewitz.** Rio de Janeiro, 1994. 23p.
- _____. **LS-V-9901: A Guerra do Golfo.** Rio de Janeiro, 1999. 6-26p.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01: glossário das forças armadas.** Brasília, DF, 2007. 274p.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra.** Princeton: Princeton University Press, 1984. 845p. Versão em inglês de: Michael Howard e Peter Paret. Original alemão.
- KEEGAN, John. **A Guerra do Iraque.** Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 2005. 287p.
- LIMA, Roberto L. F. As novas armas na Guerra do Golfo. **Revista Marítima Brasileira.** Rio de Janeiro, v. 112, n.^{os} 1/3 e 4/6, p.63-92, jan./mar. e abr./jun. 1992.
- PARET, Peter (Ed.). **Construtores da Estratégia Moderna: De Maquiavel à Era Nuclear.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2001. 680p.
- PROENÇA JÚNIOR, Domício; DINIZ, Eugenio; GHELFI RAZA, Salvador. **Guia de Estudos de Estratégia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. 186p.
- REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. **O século XX. O tempo das dúvidas: o declínio das utopias às globalizações.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 321p.
- SCHUBERT, Frank N.; THERESA, L. Kraus. **Tempestade no deserto.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998. 408p.
- VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. A Guerra do Golfo: uma análise político-estratégica e militar. **Revista Marítima Brasileira.** Rio de Janeiro, v.112, n.^{os} 1/3 e 4/6. p. 15-54. jan./mar. e abr./jun.1992.
- WAACK, William. Guerras do Golfo. In: MAGNOLI, Demétrio (org). **História das Guerras.** São Paulo: Contexto, 2006. p. 453-457.